

# NARRATIVAS MIDIÁTICAS NO GRUPO REFLEXIVO MEMOH

Maria Aparecida Ladeira da Cunha  
Doutora em Comunicação e Cultura Midiática (UNIP-SP)

## RESUMO

A presente pesquisa tem como tema as novas narrativas midiáticas em grupos reflexivos de gênero, no processo de resignificação das masculinidades contemporâneas, tendo como corpus de análise as ações realizadas pelo Grupo MEMOH, um ecossistema de educação e conteúdo que oferece a homens a possibilidade de refletirem, em conjunto, sobre seu comportamento por meio de grupos reflexivos, produção de conteúdo e serviços de consultoria voltados para o ambiente corporativo. O recorte escolhido para o presente artigo são os conteúdos online produzidos e veiculados pelo PodCast do MEMOH, publicados em suas redes sociais digitais, durante o ano de 2023. A pesquisa é de base fenomenológica e a metodologia é estudo de caso, por meio de observação e coleta de dados na internet, e revisão bibliográfica. A partir do cruzamento de vários olhares teóricos a respeito de comunicação e narrativas (Baitello Jr., 2005,1999) e imaginário midiático ou mediosfera (Contrera, 2013, 2010, 2000) e masculinidades contemporâneas (Connell, 2013, 1995; Jablonka, 2021), pretende-se analisar as narrativas midiáticas presentes nos meios de comunicação digitais como ferramentas para a construção das novas masculinidades.

## Palavras-Chave:

Narrativas midiáticas; Mediosfera; Masculinidades; Grupos reflexivos de gênero; MEMOH.

## INTRODUÇÃO

Em seu livro *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*, Zygmunt Bauman (2003) explora o conceito de comunidade em um contexto contemporâneo, em que as questões de segurança e liberdade se entrelaçam de maneira complexa. Bauman (2003) investiga a ideia de comunidade como um lugar de calor, conforto e segurança, contrastando-a com a realidade muitas vezes fria e insegura da vida moderna. Ele conclui que, apesar dos desafios, a busca por comunidade é uma característica inerente à condição humana. O equilíbrio entre segurança e liberdade, reconhecimento e redistribuição, diversidade e coesão são questões centrais para a formação de vínculos comunitários sólidos e duradouros.

Baitello Jr. (1997) defende que a comunicação é o alicerce sobre o qual as sociedades constroem seus vínculos. Na antiguidade, a pólis grega representava o espaço onde os cidadãos se reuniam para discutir e decidir sobre questões públicas. Essas interações diretas eram fundamentais para a coesão social e a construção de identidades coletivas. Contudo, com o crescimento populacional e a complexidade crescente das sociedades, esses espaços tornaram-se insuficientes.

No século XX, especialmente após as grandes guerras, a urbanização acelerada e o aumento demográfico exponencial colocaram à prova as formas tradicionais de comunicação. As cidades, agora superpopulosas, não podiam mais suportar a comunicação face a face como principal meio de interação social. Os pequenos grupos, que antes eram eficientes em promover a coesão social, tornaram-se menos eficazes. A fragmentação das comunidades locais e a mobilidade social crescente exigiram novas formas de vinculação.

A mídia emergiu como a solução para essa crise de comunicação. Desde o advento do jornal impresso no século XVII, a mídia começou a ocupar o vácuo deixado pela falência dos espaços tradicionais de interação. O jornal, com sua capacidade de alcançar um grande público, permitiu a disseminação de informações e ideias. O rádio e, posteriormente, a televisão, ampliaram ainda mais essa capacidade, permitindo que mensagens fossem transmitidas simultaneamente para milhões de pessoas.

A mídia não apenas preencheu o vazio comunicacional, mas também se estabeleceu como um poder central na formação de opiniões e na manipulação da informação. A mídia de massa tornou-se a “nova ágora”, mas com a diferença crucial de ser controlada por poucos e acessível a muitos. Isso resultou em uma dinâmica onde a informação podia ser direcionada e manipulada para servir a interesses específicos, muitas vezes desarticulando pequenos grupos e enfraquecendo os vínculos comunitários tradicionais.

## **1. COMUNICAÇÃO COMO VÍNCULO**

Ao analisar a questão do vínculo relacionado à informação e à comunicação, Baitello Jr. traz uma contribuição significativa quando propõe a importância dos vínculos, afirmando que “vincular significa ‘ter ou criar um elo simbólico ou material’, constituir um espaço (ou um território) comum, a base primeira para a comunicação”. (Baitello Jr., 1997, p. 87). Esse vínculo proporciona sentido e estabelece uma relação de identidade.

Considerando vínculo “a base primeira para a comunicação”, passa a ser uma das questões centrais dos estudos sobre a comunicação humana. Contrera (2014, p.459) afirma que “é a desconsideração do papel do vínculo para a comunicação que colabora para a manutenção de uma visão empobrecida sobre o processo comunicativo, muitas vezes conferindo às trocas de informação seu aspecto central”.

Para Contrera (2014), ao considerarmos os processos de vinculação, lançamos um novo sentido às relações comunicativas, evitando uma concepção de que trocas comunicativas se assemelham a meras relações comerciais e instrumentais, chamando a atenção para a importância dos processos de significação constituídos nessas relações.

Nesse sentido também podemos considerar a contribuição do estudo dos vínculos comunicativos para um alargamento da compreensão sobre os meios de comunicação, entendendo-os como espaços (físico ou simbólicos) nos quais essa rede de vinculação deve operar

numa escala socialmente maior do que a comunicação interpessoal, e refletindo sobre se esses meios têm ou não, de fato, desempenhado esse papel, ou se se tornaram meros espaços funcionais por onde transitam informações assépticas e vazias de sentido, apenas quantitativa e mercadologicamente consideradas (Contrera, 2014, p.459).

Os processos de vinculação oferecem uma perspectiva mais complexa sobre as relações comunicativas, distanciando-as de uma visão reducionista que as equipara a meras trocas comerciais ou instrumentais. Ao enfatizar os processos de significação que emergem dessas interações, reconhece-se que a comunicação transcende a simples transferência de informações, envolvendo uma dimensão simbólica que é fundamental para a construção de sentido e para a formação de laços sociais. Dessa forma, os vínculos comunicativos não apenas conectam indivíduos, mas também estruturam as bases culturais e identitárias que sustentam as comunidades, destacando a comunicação como um processo intrinsecamente humano e essencial para as relações sociais.

Nesse contexto, o estudo dos vínculos comunicativos amplia a compreensão sobre os meios de comunicação. Esse olhar crítico nos leva a questionar se eles têm efetivamente desempenhado seu papel, ou se, ao contrário, se tornaram meros veículos funcionais, caracterizados pela circulação de informações desprovidas de profundidade e significado. A reflexão sobre essa questão é crucial para entender o impacto da comunicação na sociedade contemporânea, e para avaliar o potencial dos meios de comunicação em promover uma verdadeira conexão social, em vez de apenas perpetuar lógicas quantitativas e mercadológicas que esvaziam a comunicação de seu valor simbólico e cultural.

Contamos necessariamente com a interação social, com as trocas comunicativas que somos capazes de estabelecer com o meio social, numa prática de arbitragem de um universo de significação comum. Precisamos dos outros para que, dessa relação, consigamos formar uma noção do que é a realidade; realidade essa, em última instância, sempre compartilhada. Não podemos prescindir dessas relações. Somos essencialmente gregários e necessariamente comunicantes (Contrera, 2014, p.459).

Contrera (2002) enfatiza que qualquer concepção de realidade humana é indissociável do papel central que a cultura e os processos de comunicação social exercem em sua constituição. Ela argumenta que, como sistemas vivos, nossa principal característica é sermos sistemas abertos, o que nos torna inerentemente relacionais e interdependentes, sempre expostos a influências ambientais, tanto naturais quanto sociais. Essas influências podem gerar crises, que, por sua vez, demandam constantes processos de reorganização.

Para Contrera (2002), esse processo, que define nossa hipercomplexidade, faz com que nos demoremos mais nos estágios de desenvolvimento em comparação a outros seres vivos. "Com isso, ficamos, conseqüentemente, mais dependentes dos cuidados do grupo, o que reforça nosso caráter gregário". Ela afirma ainda que essa constante reorganização de um volume crescente de informações demanda um tempo de vida mais longo até que possamos alcançar o que poderia ser considerado a maturidade da espécie, ainda que essa maturidade represente um contínuo processo de interação e readaptação.

Somos seres irremediavelmente fadados a uma necessidade de pertencência que gera, conseqüentemente, uma necessidade de aceitação. Somos, enfim, eternos necessitados. Precisamos de uma enorme quantidade e variedade de vínculos biofisiológicos para viver, e de uma quantidade e variedade maiores ainda de vínculos sociais para continuarmos vivos; vínculos capazes de nos nutrir, que possam alimentar suficientemente nosso sistema. Esses vínculos, como sabemos, são a matéria-prima de toda a comunicação humana, as veias por onde circulam as informações, e que garantem a sobrevivência do indivíduo e do grupo (Contrera, 2002, p. 41).

Todorov (1996, p. 122) nos diz que é preciso “admitir, a um só tempo, a própria sociabilidade e a subjetividade do outro, aceitar o você como simultaneamente semelhante e complementar ao eu”. E a necessidade desse reconhecimento se dá porque, segundo o autor: “Não é apenas tal ou tal faceta de nosso ser que é social, é toda a existência humana” (1996, p. 151).

“Não pertencer a ninguém é não se tornar ninguém” (Cyrulnik, 1995, p. 75). Portanto, a interdependência é uma necessidade, especialmente frente à nossa crescente complexidade. Para Baitello Jr. (1997), “é preciso que os indivíduos de uma sociedade sejam capazes de dispor de uma rede de comunicação social que garanta a eficácia desse sistema de trocas”. O que vale dizer que, mais do que nunca, a comunicação e seus meios passam a desempenhar um papel central no próprio processo vital de vinculação humana. É de extrema importância refletir sobre esse papel mediador e sobre a qualidade da mediação de que se valem nossas sociedades.

A capacidade imaginativa – e o universo da linguagem – desde o início foi um trunfo humano frente à impotência de nosso destino mortal. Enquanto imaginamos, estamos vivos. É por isso que os processos de geração de imagens são de extrema relevância, em especial das imagens sociais, partilhadas e vinculadoras (Contrera, 2002, p. 43).

A importância dos vínculos para a humanidade é fundamental tanto na formação de um imaginário cultural quanto na construção de uma organização social, sendo ambas as dimensões essenciais para a sobrevivência humana. Isso coloca em evidência a questão central dos processos comunicativos nas sociedades contemporâneas, especialmente no que diz respeito aos tipos de vínculos sociais necessários para que a sociedade se conecte, utilizando, para isso, códigos partilhados. À medida que os meios de comunicação se tornam o principal ponto de referência, reunindo pessoas em torno de si, eles adquirem um “poder emblemático” (Contrera, 2002, p. 49).

A relevância desse território compartilhado, atualmente representado de forma predominante pela mídia, se torna evidente quando entendemos que essa operação territorial é o elemento inicial que define a identidade de um grupo e viabiliza o estabelecimento dos vínculos compartilhados por seus membros. Os meios de comunicação são fundamentais para a agregação do corpo social, e uma sociedade se vincula, em grande medida, através do compartilhamento de imagens – imagens que, nas sociedades contemporâneas, são atualizadas e disseminadas para milhões de pessoas, principalmente por meio da mídia.

Contrera (2002) defende que o sentido profundo dos vínculos, com toda a sua complexidade, é frequentemente ignorado, esvaziando o sentido mais profundo de conexão, atribuído aos meios tecnológicos. A questão do sentido, que é fundamental para a seleção e formação dos vínculos, acaba sendo negligenciada. Os mecanismos afetivos e cognitivos (simbólicos) envolvidos na construção de sentido e nos processos de vinculação comunicativa são desconsiderados. Dessa forma, temos a impressão de que ainda se aplica um pensamento cibernético-informacional para compreender um fenômeno que é muito mais complexo: o comunicacional.

Contrera (2003) destaca que a necessidade humana de vínculos e pertencimento é fundamental, afirmando que “sem a formação de vínculos não há nenhuma possibilidade de comunicação em nenhuma instância de vida”. A autora argumenta que, desde os micro-organismos até as sociedades humanas, os vínculos são a premissa essencial para a criação de sistemas comunicativos que sustentam e mantêm vivos esses sistemas (Contrera, 2003, p. 105).

Por meio do compartilhamento de histórias, crenças e imagens promovidas pelos meios de comunicação, os indivíduos se vinculam ao universo simbólico criado e difundido pelas mídias, criando uma sensação de pertencimento que é, em grande parte, artificial e mediada. Esse processo leva à formação de vínculos não tanto com outras pessoas ou com a cultura de forma autêntica, mas com os próprios meios de comunicação que disseminam essas imagens e narrativas.

Vivemos atualmente uma espécie de falência das experiências interpessoais cotidianas, que se tornaram aprisionados por um modo de vida estereotipado (que limita as experiências pessoais mais particulares) típico das sociedades de massa. Isso resulta em um enfraquecimento do sentimento de familiaridade que Cyrulnik cita. Não podemos ter familiaridade se nossas percepções sensoriais (os sentidos corporais) estão embotados e nossa memória em crise. Resta-nos, então, para sentirmo-nos pertencentes, coligados, o sentimento de filiação que se dá, na maioria das vezes, no gesto de compartilhar histórias, crenças, imagens (conteúdos do imaginário cultural), vinculando-nos ao universo simbólico criado pelos meios comunicativos que veiculam esses conteúdos. Acabamos, de fato, criando vínculos com os próprios meios: todos juntos assistindo às copas mundiais de futebol, pelos canais de TV que mostram as mesmas imagens no mundo todo (Contrera, 2002, p. 106).

A reflexão sobre essas questões é essencial para entender as dinâmicas de identidade e pertencimento no contexto das sociedades de massa e do impacto dos meios de comunicação na formação dessas relações.

Sobre o papel da comunicação no processo de resiliência e ressignificação, Contrera (2017) ressalta que elementos como narratividade, resgate do contexto, ressignificação, afetividade e relações interpessoais são centrais no processo de resiliência, mas têm sido subestimados na área de comunicação, que se encontra presa ao fascínio pela informação. Contrera (2017, p. 149) sugere que uma tarefa para o próximo século seria repensar o papel da comunicação, explorando suas possibilidades como processos de resiliência.

Narratividade, resgate do contexto, ressignificação, afetividade, relações interpessoais – elementos centrais do processo de resiliência – são relativos à área de Comunicação que, no entanto, os têm subestimado, presa do encantamento pelo tema da informação (...) Talvez seja essa uma tarefa para o próximo século: pensar o papel da comunicação e suas possibilidades como processos de resiliência, para além da moldura capitalista e tecnocrática que vem pautando grande parte das reflexões que temos oferecido à nossa época (Contrera, 2017, p. 149).

Para Cyrulnik (2005), a narrativa é uma forma de organização dos conteúdos psíquicos. Narrar remaneja a emoção em uma manifestação suportável e estabelece uma consciência compartilhada. Assim, rompe as amarras que imobilizavam e reacende as brasas da resiliência. Contar significa interpretar e atribuir direções ao acontecimento. Essas direções se devem ao caráter espaço-temporal da narrativa.

O papel organizacional da narrativa pode ser claramente visto em grupos reflexivos, onde pessoas contam seus medos, decisões, perdas, vazios e superação. Através de metáforas, manipulando palavras, gestos e outros elementos significantes, traduzem ideias abstratas e revelam sentimentos. As variadas formas de linguagem são o refúgio do pensamento e ressignificam acontecimentos.

Não temos uma memória, somos uma memória. Aquilo que somos e que nos forma, deforma, conforma, transforma, é a memória; aquilo que, de tudo que vivemos, nos restou significativo, valeu a pena ser inscrito na nossa natureza, sejam vivências de dor ou de prazer. É a memória da espécie, não do indivíduo, que nos constitui como seres transcendentais. E a memória imaginária da espécie são os arquétipos, os mitos, as mitologias religiosas que, até hoje, deformadas ou não, inspiram a quase totalidade das ações do homem no mundo. (...) É a esse imaginário arquetípico que podemos recorrer para propor novas formas de imaginar o mundo; esse é certamente o motivo pelo qual somos capazes de, às vezes, nos reinventarmos. Testemunhos disso são os gestos extremos de solidariedade e compaixão e também a capacidade de propormos usos midiáticos contrahegemônicos e transgressores, geradores de vínculos comunicativos, e não apenas consumidores de conexões possíveis (Contrera, 2017, p. 146).

No âmbito social, o ato de compartilhar experiências e histórias assume uma importância que frequentemente supera a própria narrativa. Esse compartilhamento transcende o círculo imediato do indivíduo, estendendo-se a outros grupos e comunidades, ampliando, assim, o impacto do relato.

É notável como as lembranças de um mesmo evento variam entre diferentes indivíduos, e como a combinação dessas perspectivas distintas pode ajudar alguém a recuperar aspectos esquecidos ou não reconhecidos de sua própria memória. Tal processo reflete a busca por um sentido compartilhado e pela construção de uma narrativa comum, que visa conectar experiências individuais em uma compreensão coletiva mais ampla.

A narrativa surge, então, como uma ferramenta para atribuir sentido ao acontecimento e estabelecer conexões com os outros. O ser humano recorre a recursos de linguagem e a mecanismos cognitivos, como os sistemas de organi-

zação espaço-temporais, para organizar a realidade que vivencia. Esses recursos são particularmente importantes porque, por meio de uma ação imaginativa, ajudam a lidar com questões angustiantes e geradoras de ansiedade.

A narrativa e a história oferecem a oportunidade de reorganizar e atribuir sentido à experiência vivida. A resiliência pode ser vista como uma tentativa de recompor, reordenar e reorganizar a vida. É a construção de uma nova postura, uma nova maneira de estar no mundo. Assim, torna-se um processo de reorganização e ressignificação de caráter simbólico. Esse movimento é especialmente visível em grupos e em situações em que a resiliência é desafiada.

Através de narrativas, muitas vezes coletivas, uma nova ordem e um novo significado são estabelecidos. É a oportunidade de reorganizar e ressignificar a identidade e os vínculos. Ao elaborar suas narrativas, o ser humano se revela e se recria, buscando sentido para suas ações e existência.

Em relação às suas funções, elas desempenham várias atribuições, incluindo informar, educar, entreter e persuadir o público. Elas também podem servir como veículos para a expressão cultural, a promoção de valores sociais e a construção de identidades coletivas. Como exemplos, incluem notícias jornalísticas, programas de televisão, filmes, documentários, comerciais publicitários e campanhas de mídia social. Cada forma de mídia tem suas próprias características e convenções narrativas, que influenciam a maneira como as histórias são contadas e recebidas pelo público.

Conforme discutido por Cyrulnik (2005), “a narrativa é uma das respostas humanas diante do caos”. Diante de situações complexas ou traumáticas, as pessoas tendem a elaborar diversas narrativas, frequentemente em estados alterados de percepção ou consciência. Essas narrativas não se constituem meramente em ficções, mas representam tentativas de organizar e conferir sentido aos acontecimentos, transformando-os em algo verossímil e, portanto, mais fácil de ser compreendido e suportado. Quando uma experiência não faz sentido em seu contexto original, surge a necessidade de recontextualizá-la, recriando sua história para que se torne mais compreensível e menos dolorosa.

A amplificação social de um evento por meio da narrativa desempenha um papel fundamental no processo de ressignificação. Os meios de comunicação, em suas variadas formas, desempenham um papel crucial nesse processo, dado seu poder de provocar e estimular reflexões criativas e produtivas. Contudo, se não forem empregados com responsabilidade, esses meios também podem conduzir à desesperança ou à apatia.

A narrativa, seja em um filme, livro ou programa de televisão, possui um potencial transformador significativo, tanto em nível individual quanto coletivo, e até mesmo produtos de comunicação de massa podem desencadear impactos criativos profundos. A sociedade, assim como as palavras que a descrevem, está em constante transformação, e é imperativo estar atento a essa dinâmica para promover o despertar social.

Nesse sentido, a mídia não deve se limitar à tarefa de mapear e analisar problemas; ela possui o poder e a responsabilidade de criar vias de resiliência no âmbito social. Tal transformação pode ser alcançada ao ressignificar percepções de mundo e promover uma compreensão mais complexa e contextualizada da realidade, utilizando a narrativa como ferramenta para reinterpretar acontecimentos com empatia e responsabilidade. Dessa forma, a mídia pode se tornar uma tutora da resiliência coletiva, auxiliando a sociedade na reorganização e ressignificação de suas experiências.

A crescente busca por comunidades, virtuais ou concretas, tem sido a saída do homem contemporâneo para o resgate de um senso de participação possível. (...) Frente a esse cenário, não se torna difícil entender a urgência da proposição de práticas comunicativas que ofereçam a possibilidade de estabelecimento de novos vínculos (e de alimentação dos antigos vínculos desejáveis). No entanto, como é possível propor práticas comunicativas que se prestem a esse papel partindo de uma visão tão mecanicista e racionalista de comunicação, voltada mais para o mercado do consumo tecnológico do que para a complexidade da alma humana? (Contrera, 2017, p. 140).

## 2. GRUPO MEMOH

Já passou da hora dos homens assumirem a responsabilidade e entender que 'problemas de gênero' são problemas nossos também. Por estarmos tão presos dentro de um padrão de comportamento muitas vezes nocivo, os homens – mesmo os 'bons' – permitem que a violência de gênero aconteça (MEMOH, 2022).

O Grupo Reflexivo de Gênero MEMOH atua na ressignificação das masculinidades, analisando conteúdos específicos relacionados às masculinidades, com foco nos novos sentidos construídos, que vão se contrapor ao patriarcado e à misoginia. Eles oferecem um ambiente em que os homens possam dialogar sobre suas experiências, suas dificuldades, frustrações e descobrir que não estão isolados e não possuem problemas unicamente individuais. A constatação dessa experiência comum, transformando o individual em coletivo, permite o reconhecimento da dimensão política da vida particular, e é a partir disso que se concretiza a possibilidade de transformação, por meio da criação de vínculos e ressignificação durante o processo de construção de narrativas.

A ação de narrar permite à pessoa se constituir em sujeito íntimo, e a narração convida a assumir seu lugar no mundo humano, compartilhando sua história. O que é intimamente aceitável se associa ao socialmente compartilhável" (Cyrulnik, 2005, p. 98).

O MEMOH nasceu como uma organização cujo propósito era promover equidade de gênero, fazendo com que o homem refletisse sobre seu modo de agir consigo, com o outro e com a sociedade.

O nome – MEMOH é "homem" ao contrário – resume a ideia de ajudar homens a se enxergarem por ângulos diferentes. Isso é feito por meio de grupos reflexivos, produção de conteúdo e consultorias voltadas ao ambiente corporativo. Uma proposta que serve, primordialmente, para uma ampliação de cons-



ciência por meio da problematização das relações normativas e tradicionais de gênero.

O grupo se apresenta como “uma rede de acolhimento entre homens incomodados com o comportamento, que são condicionados a seguir para serem vistos como ‘homens de verdade’”. Eles promovem encontros gratuitos para o público em geral, cursos de formação para aqueles que desejam ser multiplicadores, incentivando-os a montarem seus próprios grupos reflexivos MEMOH, seguindo sua metodologia de trabalho própria<sup>1</sup>, inspirada na abordagem de grupos reflexivos desenvolvida pelo Instituto Noos.

Esta metodologia segue os mesmos momentos-chave estabelecidos pelo Noos, incluindo o disparador de conversas, a reflexão grupal e a síntese do debate grupal, denominada de “prática” no MEMOH. Estes encontros visam estimular a reflexão dos participantes sobre os temas propostos e promover a implementação de novos significados e práticas no seu dia a dia.

O público-alvo do MEMOH é composto por homens que não são autores de violência no contexto jurídico, uma distinção importante em relação aos participantes encaminhados pela Lei Maria da Penha para os grupos reflexivos de gênero.

A predisposição dos participantes em reconhecer suas próprias falhas facilita a reflexão sobre questões anteriormente negligenciadas. Através do estabelecimento de um ambiente de confiança, os participantes são encorajados a explorar seus sentimentos e emoções, bem como compartilhar experiências cotidianas e comportamentos indesejáveis. Este espaço de acolhimento promove uma reflexão crítica sobre as normas de gênero e padrões sociais estabelecidos.

Além dos grupos reflexivos, o MEMOH atua na produção de conteúdos, que é distribuído principalmente por meio de um podcast disponível em diversas plataformas digitais de streaming, além do website da organização. Esta iniciativa busca ampliar o alcance das discussões sobre masculinidades promovidas nos grupos reflexivos, adaptando-as para um formato mais acessível e mantendo sua abordagem teórico-filosófica, visando promover processos reflexivos.

O Grupo MEMOH está presente e de forma ativa no ambiente digital, com website<sup>2</sup>, perfis em redes sociais digitais como Instagram<sup>3</sup> e LinkedIn<sup>4</sup>. Possui uma equipe dedicada à produção de conteúdo, com materiais audiovisuais e PodCasts<sup>5</sup>, além de uma assessoria de imprensa atuante, fazendo com que o MEMOH tenha visibilidade em veículos de massa como a TV Globo, em progra-

---

1 O MEMOH disponibiliza um guia prático da sua metodologia para homens interessados em montar seu próprio grupo reflexivo. O guia está disponível em: <https://encr.pw/pao5T>

2 Disponível em: <https://memoh.com.br/>

3 Disponível em: <https://www.instagram.com/projeto.memoh/>.

4 Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/memoh/>

5 Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0IT6Qhu5mWrKc9mpeN-3dyg>

mas como Jornal Nacional e Encontro com Fátima Bernardes, Globo News, GNT, TV Futura e TV Brasil. Há também participação em portais de internet como Uol, Meio e Mensagem, além de revistas como Carta Capital, Isto é, entre tantos outros veículos de comunicação.

O podcast do MEMOH traz o debate de masculinidades para quem não pode participar dos Grupos Reflexivos e para quem tem a curiosidade de ouvir um pouco do que acontece nas rodas de conversas promovidas pelo coletivo. O podcast atualmente está disponível nas seguintes plataformas de streaming: Spotify<sup>6</sup>, Apple PodCast<sup>7</sup> e Castbox<sup>8</sup>. Embora tenha o seu canal no Youtube<sup>9</sup>, o grupo não possui o hábito de postar seus conteúdos nessa plataforma.

Com o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, surgiram novas formas de se comunicar e contar histórias, conhecidas como novas narrativas midiáticas ou narrativas digitais. Estas aproveitam as características da mídia digital para oferecer experiências de narrativas mais interativas, personalizadas e participativas. As narrativas digitais são frequentemente não lineares e interativas, permitindo que o público explore diferentes caminhos e desfechos da história. Elas também são multimodais, incorporando uma variedade de mídias, como texto, imagem, áudio e vídeo. Alguns tipos de narrativas digitais são os podcasts, vídeos em forma de lives e webinar, blogs e sites, onde os textos escritos podem incluir imagens, vídeos e outros elementos interativos, histórias digitais, narrativas interativas, que permitem ao público tomar decisões e influenciar o curso da história, relatos digitais, entre outros formatos. Esses formatos de narrativas digitais oferecem novas formas de conectar pessoas ao redor do mundo e compartilhar informações de maneira envolvente e criativa, auxiliando na produção de sentido.

A produção de sentido é um processo pelo qual os seres humanos atribuem significado e interpretam informações, experiências e símbolos presentes em seu ambiente. Esse processo envolve a construção ativa de significados com base nas experiências individuais, valores culturais, conhecimento prévio e contexto social. Em outras palavras, a produção de sentido refere-se à forma como as pessoas dão sentido ao mundo ao seu redor, criando significados pessoais e compartilhados.

Na era digital, a produção de sentido é influenciada não apenas pelas narrativas midiáticas tradicionais, mas também pelas novas formas de narrativas digitais, que desempenham um papel crucial na construção de significados e na formação de identidades individuais e coletivas.

Os espectadores das narrativas midiáticas e digitais estão constantemente negociando significados, interpretando e reinterpretando as mensagens de acordo com suas próprias experiências, valores e perspectivas. Isso pode levar a uma

6 Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0IT6Qhu5mWrKc9mpeN-3dyg>

7 Disponível em: <https://podcasts.apple.com/br/podcast/memoh/id1450208243>

8 Disponível em: <https://castbox.fm/channel/5328566?country=br>

9 Disponível em: <https://www.youtube.com/@memohoficial>

variedade de interpretações e entendimentos da mesma história.

As narrativas digitais muitas vezes permitem maior participação e engajamento do público, dando-lhes a oportunidade de influenciar o desenvolvimento da história e o resultado. Isso pode levar a uma sensação de empoderamento e investimento por parte do público na narrativa. No entanto, as narrativas digitais também apresentam desafios, como a disseminação de desinformação e a manipulação do público por meio de técnicas persuasivas e enganosas. O rápido compartilhamento de conteúdo nas redes sociais digitais pode amplificar a propagação de informações falsas e distorcidas.

As narrativas midiáticas e digitais desempenham um papel crucial na produção de sentido na contemporaneidade, moldando as percepções, valores e comportamentos do público. Enquanto as narrativas midiáticas tradicionais continuam a desempenhar um papel importante, as narrativas digitais oferecem novas oportunidades para a interação, participação e envolvimento do público na construção de significados. No entanto, também é importante reconhecer os desafios e as questões éticas associadas à produção e disseminação de narrativas digitais na era da desinformação e da manipulação midiática.

No contexto do Grupo Reflexivo MEMOH, os membros se envolvem ativamente na produção das narrativas midiáticas digitais. Eles colaboram na criação de conteúdo que desafia narrativas tradicionais ou estereotipadas, abordando questões variadas, desde política até cultura popular. Essas novas narrativas são frequentemente voltadas para promover uma visão mais crítica e diversificada dos eventos contemporâneos, com um foco especial na mídia e sua influência.

Para analisar as narrativas midiáticas digitais utilizadas pelo Grupo MEMOH, com a finalidade de verificar o discurso de resignificação das masculinidades contemporâneas, apresentamos conteúdos produzidos pelo grupo durante o ano de 2023, com foco na campanha “Homens e Cuidado”. A proposta é analisar a influência dessas estratégias na percepção e construção das novas masculinidades.

### **3. Homens e Cuidado – construção de narrativas no PodCast do MEMOH**

O podcast do MEMOH teve início em 2019. Alguns dos episódios traziam explicações sobre o que era o grupo e como era sua metodologia de trabalho, e também assuntos polêmicos e atuais como machismo no trabalho, assédio em espaços públicos, ausência paterna, machismo no universo LGBTQIA+, entre outros.

No ano de 2022, o podcast teve uma pausa em suas produções, voltando apenas em maio de 2023, com a proposta de trabalhar o tema “o cuidado”. O grupo propôs um estudo aberto e autoral sobre homens e cuidado, como um elemento fundamental nas reflexões sobre relações de gênero. Seguindo o tema proposto, foram produzidos e veiculados 18 podcasts durante o ano de 2023, com ampla divulgação e compartilhamento em suas redes sociais digitais.

O estudo de caso do Grupo Reflexivo MEMOH tem como foco os conteúdos produzidos nas redes sociais digitais durante o ano de 2023, mais especificamente a campanha “HOMENS E CUIDADO”. As narrativas midiáticas produzidas pelo grupo foram construídas no formato de podcast, utilizando as redes sociais digitais do MEMOH como principais veículos de divulgação dos conteúdos produzidos.

O MEMOH utilizou como estratégia de conteúdo a criação de 4 categorias diferentes para abordar o tema proposto:

🎙️ Roda de Conversa - formato tradicional e muito querido por todo mundo, vai contar com Pedro de Figueiredo e Lincoln Frutuoso como âncoras, sempre com mais dois convidados e uma cutucada da sagaz Isabela Venturoza pra fazer a conversa fluir;

🎙️ MEMOHFONE - vocês, nossos MEMOHzões, vão ter um espaço de troca especial por aqui! O que antes era um quadro dentro dos episódios, agora ganha um espaço próprio comandado pelo grande Abel Oliveira. Vamos escutar suas dúvidas, críticas, sugestões e até, quem sabe, elogios;

🎙️ Homem de Fé - momento liderado pelo Pastor Ronan Lima, será uma conversa entre figuras religiosas (de diferentes religiões, beleza?) para falar de Masculinidades, Religião e Cuidado;

🎙️ MEMOHConvida - uma entrevista com especialistas em Cuidado, pessoas das mais diferentes áreas de atuação e repertório vão nos aproximar do assunto que nos propomos a investigar (MEMOH, 2023)<sup>10</sup>

Para o presente estudo, foram escolhidos os podcasts da categoria “Roda de Conversa”, por apresentarem mais interação entre os participantes. Foram escolhidos e analisados os seguintes episódios dos podcasts:

- Se passou, passou
- A confiança como premissa pro cuidado
- Ressentimento entre pais e filhos (partes 1 e 2)
- Saúde do homem e Saúde mental do homem

Os métodos utilizados para analisar as narrativas dos podcasts foram:

- Transcrição, utilizando o software “Google Docs”, empregando a ferramenta “Digitação por voz”.
- Para interpretação dos temas, foi utilizada a análise de narrativas, que foca na estrutura e conteúdo das histórias contadas pelos participantes.

---

10 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsHZfUVJ7DB/>. Acesso em: 8 ago.2024.

O estudo explora o cuidado como um elemento fundamental nas relações de gênero, buscando evidenciar sua importância por meio de diferentes esferas de relacionamento: o cuidado consigo mesmo, com os outros e com a sociedade em geral. A narrativa do podcast revela a complexidade e os desafios envolvidos no ato de cuidar, rompendo com a ideia simplista de que o cuidado é algo inerentemente fácil ou natural. A análise das conversas e narrativas que emergem dos episódios, que são correlacionadas com temas como resiliência, ressignificação e a construção de vínculos, trazem à tona o papel do cuidado nas reflexões sobre masculinidades e equidade de gênero.

A temporada de 2023 do podcast “Homens e Cuidado” focou na necessidade de ressignificar a relação dos homens com o autocuidado e o cuidado com os outros, destacando como isso impacta os vínculos e a resiliência emocional dos homens. Os episódios abordaram como o cuidado é um ato coletivo, refletindo não apenas na saúde individual, mas também nas relações com mulheres, crianças e a sociedade em geral.

**Vínculos:** O cuidado foi tratado como uma ponte para fortalecer os vínculos com as pessoas ao redor.

**Resiliência:** Os participantes exploraram como o autocuidado contribui para a resiliência emocional, permitindo que os homens lidem melhor com os desafios da vida.

**Ressignificação:** A temporada ressignificou a ideia de cuidado para os homens, afastando-se de uma visão limitada que associa o cuidado apenas à cura de doenças. O cuidado passou a ser visto como um processo preventivo e integrativo, essencial para o bem-estar.

Em alguns trechos das falas no podcast, é possível analisar a relação entre cuidado e autoconhecimento, assim como a importância de participar de grupos de apoio como elementos presentes nas narrativas masculinas para o processo de ressignificação.

Um dos participantes também enfatiza a importância da organização coletiva como espaço de cuidado, especialmente dentro de grupos como o MEMOH, onde encontros periódicos se tornam momentos significativos de apoio mútuo e cuidado coletivo. Para ele, esses espaços são formas de cuidado político e organização, que trazem uma energia fundamental e funcionam como referência para outros tipos de organização coletiva.

Outro participante compartilha que tem percebido o cuidado em si mesmo muito focado no individual, mas que, ouvindo as falas dos outros, reconhece a necessidade de transformar essa visão e valorizar mais os espaços de cuidado coletivo.

Esses e outros relatos refletem o tema do estudo sobre “homens e cuidado”, demonstrando a diversidade de narrativas em torno do autocuidado e das formas de conexão coletiva.

### 3.1 Discussão e análise dos resultados

Os principais temas discutidos nos episódios incluem a intersecção de cuidados com raça, gênero, classe e saúde; a construção de narrativas de paternidade e masculinidade; e a resiliência e resignificação das responsabilidades de cuidado na sociedade contemporânea.

- Cuidado: Como o cuidado é desempenhado e como a falta dele afeta as relações familiares, especialmente na criação de filhos.
- Construção de narrativas: As histórias contadas revelam a importância da reflexão e da resignificação de papéis masculinos no cuidado.
- Vínculos e resiliência: O papel dos pais na construção de laços afetivos e o impacto emocional da ausência ou presença parcial de figuras paternas são abordados como elementos fundamentais para a resiliência emocional.
- Resignificação: Homens que, ao refletirem sobre suas próprias experiências familiares, conseguem resignificar suas relações e se tornarem mais conscientes sobre suas práticas de cuidado.

Os resultados dos episódios sugerem uma profunda interconexão entre o cuidado, a masculinidade e as estruturas sociais que definem papéis de gênero, reforçando a necessidade de repensar esses papéis à luz de novas narrativas emergentes. Os resultados demonstram que as experiências de paternidade, especialmente as marcadas por ausência ou negligência, estão intrinsecamente conectadas a normas sociais e culturais que moldam os papéis de gênero. A análise revela que, embora o contexto social possa ser desculpa para comportamentos prejudiciais, a responsabilidade pessoal e social pelo cuidado deve ser compartilhada e reavaliada.

As discussões reforçam que os homens, muitas vezes, são socializados para evitar demonstrar vulnerabilidade e cuidado, o que perpetua uma divisão de gênero no que diz respeito às tarefas domésticas e emocionais. Essa lacuna resulta em uma sobrecarga para as mulheres, criando um ciclo de desigualdade dentro das relações familiares e sociais.

Os principais achados indicam que a aproximação dos homens ao cuidado é um processo complexo, que envolve a desconstrução de estereótipos e a criação de novas narrativas de masculinidade. Os episódios revelam que os homens estão começando a refletir e reconhecer a importância do cuidado em suas vidas, e como a ausência dele, muitas vezes enraizada em normas sociais antigas, tem consequências duradouras sobre suas relações familiares.

Em todos os países, qualquer que seja a situação das mulheres, é urgente definir uma moral do masculino para o conjunto das ações sociais. Como impedir os homens de desrespeitar os direitos das mulheres? Em matéria de igualdade entre os sexos, como ser um 'cara legal'? Hoje em dia, precisamos de homens igualitá-

rios, hostis ao patriarcado, que valorizem o respeito mais que o poder. Apenas homens, mas homens justos (Jablonka, 2022, p. 13).

Este estudo contribui para a literatura existente ao fornecer uma análise prática e teórica do cuidado nas relações de gênero, destacando sua importância em grupos reflexivos e em processos de transformação social. Contribui significativamente para a literatura sobre masculinidade e cuidado, abordando a necessidade de os homens se envolverem mais ativamente nos cuidados com suas famílias e com suas próprias vulnerabilidades emocionais.

Algumas sugestões para pesquisas futuras consistem em explorar como intervenções educacionais e culturais podem promover uma maior equidade de gênero, especificamente nas esferas doméstica e emocional, e como essas mudanças podem impactar as novas gerações.

O MEMOH, ao utilizar narrativas que promovem a reflexão sobre as experiências masculinas em um contexto de igualdade de gênero, evidencia a importância de se criar espaços onde os homens possam expressar suas vulnerabilidades e questionar os padrões tradicionais que lhes foram impostos. Através dessas práticas, observa-se não apenas uma transformação individual, mas também um impacto coletivo, que se reflete na maneira como a sociedade enxerga e valoriza diferentes formas de masculinidade.

E para que a ressignificação das narrativas atinja seu máximo potencial transformador, torna-se imprescindível a implementação de projetos estratégicos de comunicação cidadã. Esses projetos têm como objetivo romper as barreiras ideológicas que frequentemente fragmentam a sociedade, dificultando a compreensão mútua e a coesão social. Ao criar espaços para o diálogo e desenvolver narrativas inclusivas, esses projetos podem superar preconceitos e estereótipos, facilitando a construção de um tecido social mais robusto e resiliente.

A mídia, em suas diversas manifestações, desempenha um papel central nesse processo, visto que detém o alcance e a influência necessários para moldar percepções e atitudes em larga escala. Para que esses projetos sejam verdadeiramente eficazes, é fundamental que sejam sustentados por uma abordagem estratégica que leve em consideração a complexidade e diversidade da sociedade contemporânea. Isso inclui o emprego de técnicas narrativas que promovam a identificação e a empatia, a criação de conteúdos que reflitam a pluralidade de vozes e experiências, e a implementação de campanhas educativas que incentivem a participação ativa dos cidadãos na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

É preciso trazer à pauta da comunicação questões como o silêncio, o afeto, o vínculo, o corpo, ao invés de centrarmos a atenção na verborragia das redes virtuais, na eficiência tecnológica, na conectividade técnica. O projeto de comunicação precisa considerar, mais do que nunca, seu potencial de oferecer estratégias de resiliência (Contrera, 2017, p. 140).

As narrativas midiáticas desempenham um papel fundamental na sociedade contemporânea. As mídias digitais e as tecnologias de informação e comu-

nicação transformaram a maneira como os conteúdos midiáticos são disponibilizados e consumidos. A internet possibilitou a criação de novas formas de contar histórias, não apenas nos meios tradicionais, mas também em plataformas digitais. As novas tecnologias de comunicação propiciam a produção de novos gêneros que, ao aderirem elementos oriundos de outros meios, se desenvolvem à medida que as relações com as narrativas midiáticas se complexificam.

A mídia utiliza narrativas para influenciar percepções e formar opiniões. Essas narrativas podem consolidar valores dominantes ou desafiar o status quo, dependendo dos objetivos e das forças que controlam a mídia. A manipulação da informação e a saturação midiática são evidências claras de como as narrativas podem ser usadas para moldar a realidade percebida, afetando a forma como os indivíduos e grupos sociais compreendem suas experiências.

A comunicação mediada pela mídia ocupa um papel central na sociedade contemporânea, especialmente diante da falência dos espaços tradicionais de interação presencial. A mídia não apenas preenche esse vácuo, mas também exerce um poder significativo na formação de vínculos sociais e na construção de narrativas que ressignificam a realidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo buscou investigar as novas narrativas midiáticas e suas implicações na ressignificação das masculinidades, tendo como corpus de pesquisa o Grupo Reflexivo MEMOH. Os resultados alcançados ao longo do estudo revelam a importância crucial da comunicação como ferramenta de transformação social, especialmente no que tange à desconstrução de estereótipos de gênero e à promoção de uma visão mais plural e inclusiva das masculinidades.

A comunicação desempenha um papel central na construção e disseminação de significados na sociedade. A presente pesquisa reafirma que, quando orientada por princípios de equidade, inclusão e justiça social, a comunicação tem o potencial de promover mudanças significativas nas percepções e práticas sociais. As novas narrativas midiáticas emergem como instrumentos de grande relevância na desconstrução de modelos tradicionais de masculinidade que, por muito tempo, perpetuaram desigualdades e injustiças de gênero.

O Grupo MEMOH, objeto de estudo desta pesquisa, exemplifica como práticas comunicacionais podem ser estruturadas para desafiar e ressignificar conceitos enraizados de masculinidade. As rodas de conversa, sejam nos encontros dos grupos reflexivos, nas empresas parceiras ou nos podcasts, as campanhas educativas e outras iniciativas promovidas pelo MEMOH ilustram a capacidade da comunicação de atuar como um catalisador para a mudança social. Tais práticas não apenas promovem o diálogo e a reflexão crítica, mas também facilitam a construção de novas formas de ser e de se relacionar, baseadas na empatia, no respeito mútuo e na igualdade de gênero.

Uma das principais contribuições deste estudo é a constatação de que a ressignificação das masculinidades é um processo complexo, que exige um es-



forço contínuo e multifacetado. A desconstrução de estereótipos de gênero, em particular os relacionados à masculinidade hegemônica, demanda uma abordagem estratégica e consciente por parte dos profissionais de comunicação e das organizações que se dedicam a esse tema.

Este trabalho contribui de maneira significativa para o campo da comunicação, ao evidenciar como as narrativas midiáticas podem ser utilizadas para promover a ressignificação das masculinidades. A análise do caso do MEMOH revela que a comunicação, quando empregada de forma estratégica e inclusiva, tem o poder de moldar novas realidades sociais e de fomentar um ambiente mais igualitário e respeitoso para todos.

Além disso, este estudo também aponta para a necessidade de um engajamento contínuo dos profissionais de comunicação na produção de conteúdos que reflitam a diversidade e que incentivem a reflexão crítica sobre questões de gênero. A comunicação não deve ser vista apenas como um veículo para transmitir informações, mas como um agente ativo na promoção da justiça social e na construção de uma sociedade mais plural e equitativa.

A ressignificação das narrativas individuais e coletivas é, portanto, um processo contínuo e essencial para a construção de uma sociedade mais resiliente. Somente através de um compromisso coletivo com a justiça social e a igualdade de gênero será possível construir um futuro mais inclusivo e respeitoso para todos.

## REFERÊNCIAS

BAITELLO JR., Norval. O animal que parou os relógios. São Paulo: Annablume, 1997.

BAITELLO JR., Norval. A era da iconofagia. São Paulo: Hacker, 2005.

BAITELLO JR., Norval. Os meios da incomunicação. São Paulo: Annablume, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CONTRERA, Malena Segura. O mito na mídia. São Paulo: Annablume Editora, 2000.

CONTRERA, Malena Segura. Mídia e Pânico. São Paulo: Annablume Editora, 2002.

CONTRERA, Malena Segura. Publicidade e Mito. In: CONTRERA, Malena Segura; HATTORI, Osvaldo Takooki. Publicidade e Cia. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

CONTRERA, Malena Segura. Mediosfera: Meios, imaginário e desencantamento do mundo. 1. ed. Porto Alegre: Imaginalis, 2010.

CONTRERA, Malena Segura. Resiliência. In: MARCONDES FILHO, Ciro (org.). Dicionário da Comunicação. 2. ed. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

CONTRERA; Malena Segura. Vínculo Comunicativo. In: MARCONDES FILHO, Ciro (org.). Dicionário da Comunicação. 2. ed. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

CONTRERA, Malena Segura. Mediosfera: Meios, imaginário e desencantamento do mundo. 2. ed. Porto Alegre: Imaginalis, 2017.

CYRULNIK, Boris. Os alimentos do afeto. São Paulo: Ática, 1995.

CYRULNIK, Boris. Do sexto sentido. Lisboa: Odile Jacob, 1997.

CYRULNIK, Boris. Os patinhos feios. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CYRULNIK, Boris. O murmúrio dos fantasmas. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

CYRULNIK, Boris. Autobiografia de um espantalho. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

INSTAGRAM MEMOH. Página Oficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/projeto.memoh/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

INSTITUTO NOOS. Página Oficial. Disponível em: <https://noos.org.br/>. Acesso em: 25 jul. 2024.

JABLONKA, Ivan. Homens justos: Do patriarcado às novas masculinidades. São Paulo: Todavia, 2021.

MARCONDES FILHO, Ciro (org.). Dicionário da Comunicação. São Paulo: Editora Paulus, 2009.

MEMOH. Página Oficial. Disponível em: <https://memoh.com.br/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

SCHNEIDER, P. [podcast] Memoh. 2019. Disponível em: <http://www.memoh.com.br/podcast/> Acesso em: 20 fev. 2021.